
Cinema e história urbana: reflexões sobre a natureza e a urbanização contemporânea, a partir do filme *A Vila*

Cinema and urban history: reflections on the nature and the contemporary urbanization, from the film A Vila

Cine e historia urbana: reflexiones sobre la naturaleza y la urbanización contemporánea a partir del film A Vila

Cinéma et histoire urbaine: réflexions sur la nature et l'urbanisation contemporaine d'es le filme A Vila

Eliano de Souza Martins Freitas



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/terra-brasilis/2101>

DOI: 10.4000/terra-brasilis.2101

ISSN: 2316-7793

Editora

Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Referência eletrônica

Eliano de Souza Martins Freitas, «Cinema e história urbana: reflexões sobre a natureza e a urbanização contemporânea, a partir do filme *A Vila*», *Terra Brasilis* [Online], 8 | 2017, posto online no dia 27 junho 2017, consultado o 05 dezembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/terra-brasilis/2101> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/terra-brasilis.2101>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 dezembro 2022.

All rights reserved

Cinema e história urbana: reflexões sobre a natureza e a urbanização contemporânea, a partir do filme *A Vila*

Cinema and urban history: reflections on the nature and the contemporary urbanization, from the film A Vila

Cine e historia urbana: reflexiones sobre la naturaleza y la urbanización contemporánea a partir del film A Vila

Cinéma et histoire urbaine: réflexions sur la nature et l'urbanisation contemporaine d'es le filme A Vila

Eliano de Souza Martins Freitas

NOTA DO AUTOR

Uma versão preliminar do presente artigo foi publicada no livro *Meio Ambiente em Cena* (2012) que, além das análises sobre o filme *A vila*, traz contribuições de outros pesquisadores (geógrafos, sociólogos, biólogos) que apresentam, ainda, propostas pedagógicas para uma abordagem alternativa para a “questão urbana” e a “problemática ambiental”. Tal obra faz parte do acervo do Programa Nacional da Biblioteca Escolar (PNBE/2013), do Ministério da Educação, não podendo ser comercializada, uma vez que foi distribuída em todo o território nacional.

Introdução

- 1 É de longa data as relações entre o cinema e a história das sociedades. E nessa relação, o cinema procurou registrar e transmitir representações sobre a natureza e as realidades

urbana e rural, em diferentes contextos e de diferentes formas. E, mais do que isso, no século XX transformou-se em um importante instrumento da indústria cultural, sendo capaz de difundir costumes, idiosincrasias, conhecimentos e, principalmente, versões da história. Para muitos o cinema não está somente inserido na história, ele é história, pela sua capacidade de forjar práticas cotidianas a partir do que projeta para o tecido social. Nesta perspectiva,

[a] imagem presente na película fílmica é o registro de uma imagem real recortada e elaborada conforme os recursos técnicos e estéticos pertinentes à linguagem cinematográfica. A imagem cinematográfica, portanto, é um recorte do real a partir de um determinado enfoque e de uma perspectiva visual, de maneira a ampliar nossa visão para certos aspectos do espaço vivenciado. (...) Contudo, apesar de um filme propiciar essa leitura da espacialidade concretamente produzida, temos que ter claro em mente que se trata de uma imagem, não é o real em si que ali estamos vendo. (Neves & Ferraz, 2007: 77)

- 2 Assim, o cinema tem a capacidade de refletir/refratar a realidade (Bakhtin, 1992), muitas vezes se “comportando” no campo da neutralidade e da objetividade, aparecendo como “reflexo fiel do real”, por meio de uma miríade de temáticas que são diversamente apropriadas. Em outros termos,

o cinema não representa a realidade tal qual ela poderia ser em si mesma, mas (...) a “representifica”, por meio de uma interação entre o “real” (contato com as imagens difundidas), com a “fantasia” (suposta representação do real – o que está sendo mostrado), mais as experiências individuais de cada espectador da obra. O desfecho dessa soma resultaria na construção imagética de uma dada realidade (uma interface entre o real, o representado e o vivido). (Neves & Ferraz, 2007: 77)

- 3 Ao longo desses anos, o cinema produziu/projetou para o público imagens das incoerências, limites e possibilidades da sociedade industrial em constante (re)produção. Desse modo, a *sétima arte* focalizou temas como a vida urbana, o industrialismo, o colonialismo/imperialismo, a crise ecológica/ambiental, concepções de natureza, os processos de metropolização, a violência urbana, as perspectivas de controle total da sociedade entre tantos outros temas que merecem reflexões críticas.
- 4 Ou seja, uma compreensão geográfica deve ser instaurada, já que esse campo do conhecimento, por ser beneficiário do uso de linguagens baseadas em imagens, possui um potencial de ampliar as interpretações sobre a realidade. Conforme Neves & Ferraz (2007), quando esse processo é instalado “o saber geográfico [dá] um grande passo para ser reconhecido como um conhecimento pertinente com a espacialidade vivenciada cotidianamente” (Neves & Ferraz, 2007: 78).
- 5 Nesse sentido, insere-se a proposta desse artigo que é parte dos resultados de um projeto desenvolvido entre os anos de 2010 e 2012,¹ elaborado a partir de inquietações diante das abordagens dadas à “questão urbana” e à “questão ambiental” desde o último quartel do século XX e que estiveram presentes nos percursos de pesquisa desenvolvidos em âmbito de mestrado (2002-2004) e doutorado (2008-2013) realizados no Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais (IGC/UFMG). São inquietações sobre o urbano e sua relação com a “problemática ambiental” (relação sociedade e natureza) que, de diferentes formas, se manifestam por meio de discursos/práticas acadêmicas, nos materiais didáticos e paradidáticos de diferentes disciplinas, nas instituições ligadas à urbanização e ao meio ambiente, no setor privado, em projetos/programas de Educação Ambiental, nos meios de comunicação de massa, na

música, na literatura, em produções cinematográficas etc. (Ferreira & Freitas, 2012; Freitas & Gaudio, 2015a; 2015b).

- 6 À medida que os estudos e as pesquisas foram desenvolvidas acentuou-se o contato com as mais diversas abordagens sobre essas temáticas que motivaram um olhar mais crítico sobre a (re)produção social do espaço e os discursos utilizados para refletir/refratar as contradições de tal (re)produção. Assim, o projeto supracitado possibilitou um *olhar diferenciado* para alguns filmes selecionados, na procura de um “diálogo com outras esferas do saber humano, como no caso a arte (em especial o cinema), [considerando que se] pode contribuir para ampliar os conceitos, indo além do formalismo e da mera especialização dogmatizante dos mesmos” (Neves & Ferraz, 2007: 78). Assim, procurou-se analisar quais as abordagens dadas pelo cinema acerca da “questão urbana”/“questão ambiental” (natureza), nessa quadra da história. Procurou-se refletir sobre como o cinema tem abordado temas como segregação, urbanização, violência urbana, segurança, participação social, nos últimos anos. Ao mesmo tempo, acreditando que vivenciamos um momento de redefinição das ideologias, com a inscrição no seio da sociedade do que se convencionou chamar de *Ideologia do Desenvolvimento Sustentável* procurou-se identificar as aproximações entre as produções cinematográficas e tal ideologia, nas representações sobre o urbano e o ambiental (natureza). Avaliou-se, ainda, até que ponto tais produções sinalizam possibilidades de qualificação dos indivíduos tornando-os mais críticos e contribuindo para a desmistificação e a destruição das representações ideológicas acerca das temáticas supracitadas (Therborn, 1991).
- 7 Passemos à análise. Tendo como “posto de observação” a película *A vila* (*The Village*, em inglês) procuro apresentar alguns elementos das contradições da (re)produção capitalista do espaço. Trata-se de um filme estadunidense, lançado sob a categoria terror, no qual um grupo de pessoas “redefine” seu modo de viver, a partir da “auto-segregação” no interior de uma reserva ambiental. Assim, a vila é fundada, com a proposta de desenvolvimento de um “novo estilo de vida”, pautado no isolacionismo em relação ao mundo exterior, no reformismo ecológico, muito presente no urbano contemporâneo (Bihl, 1991) e em uma extrema hierarquização social.
- 8 Os componentes do grupo (especialmente os líderes) acreditam que todo e qualquer tipo de violência é externo à comunidade, originado e disseminado nas grandes metrópoles e, por isso, se segrega em um local remoto da Pensilvânia administrado por dois conselheiros que insistem em manter todas as gerações afastadas da sociedade urbano-industrial hodierna. Entretanto, uma tentativa de homicídio que ocorre no interior da vila desestrutura a vida da “comunidade”, provocando mudanças inesperadas, alterando as relações sociais, com questionamentos à ordem previamente estabelecida, pelos fundadores da vila.
- 9 Sem reboços, o filme é uma metáfora dos condomínios de luxo das metrópoles mundiais na atualidade e as cenas, as imagens, os diálogos e os discursos que perpassam a película nos instigam à reflexão sobre as “novas” representações de natureza e da urbanização contemporânea, amplamente marcada por “enclaves fortificados” (Caldeira, 2001), pela insígnia da segurança (Seabra, 2004) e pela *Ideologia do Desenvolvimento Sustentável*. (Carneiro, 2005; Freitas & Gaudio, 2015a; 2015b).

A Vila no contexto

- 10 Em 2004, o diretor indiano M. Night Shyamalan produziu o filme *A Vila*, cuja narrativa se passa em uma pequena reserva ambiental denominada Covington. Esse fragmento do espaço parece ser um lugar ideal para a realização da vida, pois é tranquilo, harmônico, “sem violência”, com uma divisão do trabalho bem estruturada, autossustentável, onde o que precisa ser consumido é produzido por habitantes obedientes, disciplinados e que mantêm uma vida comunitária “invejável” com crianças aprendendo o necessário para a reprodução da vida no “lugar”, com refeições realizadas conjuntamente e a existência de festas para a socialização do grupo.
- 11 Trata-se de um espaço organizado conforme os modelos de cidades do final do século XIX no qual se verifica casas sem os benefícios da modernidade (não existe energia elétrica, carros etc.). Observa-se, ainda, que as relações sociais são altamente hierarquizadas (nas quais os mais velhos determinam toda a reprodução social do “lugar”, inclusive definindo como devem ser organizados os casamentos no interior da vila e quais os tipos de roupas que podem ser utilizados, retratando uma utopia regressiva presente em momentos anteriores de nossa história social.
- 12 A vila parece ser o local perfeito, pois as crianças, inocentes, são treinadas a serem adultos bons, sem vícios e apartados de todo mal que outras formas de organização social podem produzir. Há, no lugar, uma perspectiva de comunitarismo que se dá através de um contato com a natureza, com moradias longe da cidade, rodeadas de vegetação e silêncio. “Uma espécie de estado rural (...) compatível com o desenvolvimento econômico da sociedade industrial e que sozinho permite assegurar a liberdade, a manifestação da personalidade e até a verdadeira sociabilidade” (Choay, 1979: 17). Um comunitarismo que carrega consigo a proposta de fuga da cidade para espaços nos quais, pretensamente, inexistem a poluição e a possibilidade de interferência dos “de fora”, uma vez que a coesão do grupo possibilita extinguir a cidade industrial que aliena o indivíduo no artifício e o recontato com a natureza, considerada restauradora e que permite o desenvolvimento da pessoa com a totalidade.
- 13 É possível verificar na vila algo que remonta a França pós-Revolução Industrial, e que foi proposto no modelo progressista que se vê presente em obras como as de Proudhon, Cabet, Richardson e Fourier nas quais,
o verde oferece particularmente um quadro para momentos de lazer, consagrado à jardinagem e à educação sistemática do corpo [e] propõe uma localização fragmentada, atomizada (...) com uma abundância de verde e de vazios que exclui uma atmosfera propriamente urbana. O conceito clássico da cidade desagrega-se, ao passo que se estimula o de cidade-campo. (Choay, 1979: 10)
- 14 É possível inferir que no interior da vila predomina uma prática de reprodução das *novas sensibilidades estéticas* que marcaram o século XVIII e XIX, pois se trata de uma expressão de “recontato” com a natureza em função dos “efeitos da deterioração do meio ambiente e da vida nas cidades, causada pela revolução industrial [e pela forma de vida urbana moderna]”(Carvalho, 2001: 70). Ou seja, os impactos negativos da modernização da sociedade advindos com a Revolução Industrial e a intensificação da urbanização transformara as cidades em espaços considerados mórbidos, insuportáveis, insalubres, violentos e deteriorados. Assim,
As paisagens naturais e a natureza de um modo geral passam a ser um valor, desejado e valorizado pela sociedade. É nesse contexto que florescem as práticas

naturalistas e as viagens de pesquisa buscando o mundo natural. Do mesmo modo, hábitos como o de manter em casa um pequeno jardim, criar animais domésticos, fazer passeios ao ar livre, piqueniquess nos bosques, ouvir música em ambientes naturais ir ao campo nos finais de semana, empreender, observar pássaros, são fartamente registrados pela literatura e pintura dos séculos XVIII e XIX. (Carvalho, 2001: 75)

- 15 Na parte interna da vila o que mais se assiste são práticas que fazem referência ao período relatado por Isabel Carvalho (2001), tanto é que os espaços de Covington eram muito limpos, com gramados ao redor ao redor das casas etc. Neste espaço apartado, isolado, atomizado, as pessoas, a princípio, não têm contato com o mundo exterior, pois são oprimidas por estranhas criaturas que as cercam (“Aqueles de quem não falamos”). A opressão chega a tal ponto que os membros da “comunidade” não podem sequer falar nessas criaturas e, quando ocorre algo diferente no cotidiano da vila, como por exemplo a transposição dos limites estabelecidos entre a vila e a floresta que a cerca, as criaturas ameaçam os moradores através de marcas deixadas nas portas das casas durante a noite, nos sons assustadores emitidos no interior da floresta e na exposição de animais mortos, sem pele e sem cabeça, nos gramados que rodeiam as casas e nas varandas das mesmas.
- 16 A obediência à ordem estabelecida é garantida pela disseminação do medo do iminente ataque que os habitantes da vila poderão sofrer, por parte das criaturas, caso as regras sejam violadas (ou melhor, questionadas). Assim, o receio de ser a próxima vítima ou de ser considerado o responsável pela destruição da “comunidade”, no “micro paraíso terrestre”, impede que os moradores se arrisquem a entrar na floresta e a ter contato com aquilo que possivelmente está fora de suas cercanias, no caso as pessoas da cidade e a própria cidade, de quem não têm um conhecimento claro, mas cujas representações negativas são reproduzidas e reforçadas no interior da reserva Walker. Entretanto, tal relação foi estabelecida entre “aqueles de quem não falamos” e os anciãos em momentos anteriores, e todas as vezes que algo pode mudar o curso da história as criaturas atacam e oferendas devem ser feitas para que a “paz” seja restabelecida.
- 17 Ao mesmo tempo, para deixar tudo sob controle, os fundadores da vila se reúnem periodicamente para tomar decisões sobre o que pode ou não ser feito no lugar. Assim, treinamentos são realizados para defesa do ataque das criaturas, cerimônias são praticadas para acalmar “aqueles de quem não falamos”, códigos de conduta são rigidamente impostos para evitar que o espaço das criaturas seja invadido trazendo problemas diversos e a história do acordo firmado entre os de dentro e os do entorno da vila é repetida várias vezes pelos anciãos, para justificar o isolamento dos moradores em relação ao mundo externo.
- 18 Dessa forma, a vida segue seu curso sem grandes abalos e a narrativa fílmica indica que a proposta de um “novo” modo de vida (ilusoriamente apartado da metropolização, com o “recontato” com a natureza, que passa a ser a reserva do bom e do belo, o espaço da saúde, da integridade, da beleza e do admirável) é a receita perfeita para a sociedade, em oposição ao ambiente urbano que foi transformado no lugar da poluição, da disseminação de doenças, de péssimas condições de vida e dos “odores fétidos” etc. (Thomas, 2010; Euclides, 2016). Porém, um dos habitantes de Covington, uma criança de sete anos, morre devido à falta de medicamentos para o tratamento do qual necessitava. O filme, aliás, inicia-se com a cena do sepultamento dessa criança e com o choro de seu pai, inconformado com a situação sendo observado, a distância, pelos demais moradores da vila. A partir daí, um jovem morador, Lucius Hunt, começa a

refletir sobre as possibilidades de se retomar o contato com o exterior na busca de melhorias para a comunidade, decidindo enfrentar o desconhecido e embrenhar-se pela floresta para introduzir, na vila, benefícios da modernidade e melhorar a condição da vida dos habitantes da reserva. Assim, Lucius, durante uma reunião dos anciãos, pede autorização para ir à cidade buscar novos medicamentos que poderão ser úteis para todos, alegando que passará pelas criaturas sem problemas devido à pureza de seu ato, ao mesmo tempo em que divide com outros moradores da vila suas inquietações e o desejo de ampliar os horizontes da comunidade.

- 19 Esse movimento resulta na insistência de Lucius em ter contato com os cidadãos, através de recorrentes pedidos ao grupo de líderes de Covington, sendo necessária a intervenção de sua mãe, na tentativa de dissuadi-lo de suas intenções. Nesse sentido, a mãe de Lucius chama-o para uma conversa sobre a cidade contando a ele que seu pai havia saído para fazer compras em um supermercado e foi encontrado, posteriormente, morto, nu e dentro de um rio, após ser assaltado. Dessa forma, Lucius deveria saber qual era a natureza de seu desejo. Após esse episódio, outros diálogos e relatos são desenvolvidos ao longo do filme, como, por exemplo, o diálogo entre Ivy Walker (filha de um dos líderes) e a Senhora Clark (pertencente ao grupo de anciãos), quando esta lhe conta a história de uma irmã que morreu, aos 23 anos, na cidade, após ser atacada e violentada por vários homens. Ou o caso do relato sobre o irmão de um dos fundadores da vila que trabalhava em um centro médico e foi assassinado ao dar assistência a um paciente viciado em drogas. Ou, ainda, o caso do pai de Edward Walker (pai de Ivy e o idealizador da “comunidade”), que foi assassinado por seu sócio enquanto dormia.
- 20 Inequivocamente, são relatos que visam solidificar a defesa do comunitarismo existente na vila, exteriorizando a completa aversão à cidade e aos cidadãos, com a produção social do medo que é apresentada para impedir a relação entre os habitantes da vila e as pessoas que residem na cidade. Em vários momentos da película, o espaço urbano é apresentado como o lugar malsão, o local do caos, da desordem, da criminalidade, da violência, da perversão e de pessoas ruins. É um espaço violento que produz o sofrimento humano, tragando as esperanças daqueles que nele habitam e trabalham (Caldeira, 2001).
- 21 Dialogando com Thompson (1989), há nesse processo discursivo a elaboração de uma estratégia de construção simbólica da *Ideologia do Desenvolvimento Sustentável* que é o expurgo do outro. Assim, há um *expurgo* do urbano que é colocado como mau/vilão da degradação da sociedade, ocultando as reais relações estabelecidas na mesma, ao longo da história. Há uma demonização da cidade quando os moradores da vila estabelecem diálogos, narram histórias pessoais e constroem uma farsa para edificar uma vida antiurbana, negando o ideal moderno de espaço público e os benefícios materiais da modernidade, adotando uma concepção reducionista de violência urbana (encarada apenas como criminalidade), como pode ser visto através do diálogo entre Lucius e seu amigo Finton quando estão de vigília, na guarita construída no limite entre a floresta e a vila. Nesse momento, Lucius pergunta a Finton se ele pensava na cidade. Seu amigo simplesmente responde: “Para quê? São lugares maus, onde pessoas más vivem. Só isso!!!”
- 22 A película retrata uma concepção de cidade (e de natureza) que foi fundada ao longo do século XIX, nos Estados Unidos e que se reproduziu em diversos países até meados do século XX, inclusive no Brasil, e que foi retomada nas duas últimas décadas do referido século e no início do século XXI. A partir dessa concepção, a cidade moderna, dos

primórdios da industrialização, torna-se um lugar maldito, onde os outros (indesejáveis) vivem, na qual o infortúnio vem ao encontro de todas as pessoas. Ou como diz um dos anciãos de Covington, “ir à cidade é procurar a tristeza e encontrar-se com a desgraça”.

Em suma, em uma cidade em que os sistemas de identificação e as estratégias de segurança estão se espalhando por toda a parte a experiência de vida urbana é de diferenças sociais, separações, exclusões e lembretes das restrições no uso do espaço público. Trata-se, de fato, de uma cidade de muros – o oposto do espaço público aberto do ideal moderno de vida urbana. [A vila externaliza] que não só as atitudes na rua estão mudando, mas a própria composição da multidão. As classes média e alta tentam evitar as ruas e calçadas movimentadas, preferindo fazer compras nos shopping centers e hipermercados.

- 23 Elementos tais como “comunitarismo ecológico”, antiurbanismo, produção social do medo, corporativismo territorial, “recontato com a natureza” são apresentados no filme e devem ser refletidos à luz da urbanização contemporânea. Apesar da narrativa fazer uma referência ao final do século XIX (o filme se passa no ano de 1897) é possível afirmar que se trata de um modo de vida praticado nas principais metrópoles e cidades do mundo a partir do último quartel do século XX. Sem rebuscos, estamos diante de universos privados para determinadas parcelas da sociedade: os enclaves fortificados. Segundo a socióloga Teresa Caldeira (2000: 259) tratam-se de:

Ambientes socialmente homogêneos. Aqueles que escolhem habitar esses espaços valorizam viver entre pessoas seletas (ou seja, do mesmo grupo social) e longe das interações indesejadas, movimento, heterogeneidade, perigo e imprevisibilidade das ruas. [Tais enclaves] cultivam um relacionamento *de negação e ruptura com o resto da cidade* e com o que pode ser chamado de um estilo moderno de espaço público aberto à circulação. Eles [transformam] a natureza do espaço público e a qualidade das interações públicas na cidade, que estão tornando cada vez mais marcadas por suspeitas e restrição.

- 24 É preciso escrutinar as relações existentes entre as propostas de produção do espaço apresentadas no filme e as características do atual momento de urbanização da sociedade. É necessário desvendar as contradições presentes na vila associando-as às observadas no cotidiano urbano atual. Ou seja, quais as aproximações e os distanciamentos existentes entre a vila, o urbano hodierno e as representações de natureza, na atual fase ecológica do capitalismo?

Reflexões sobre as (im)possibilidades do urbano nas metrópoles hodiernas.

- 25 O filme apresenta um espaço em que as moradias e os equipamentos coletivos (escola, igreja) estão no centro da Reserva Ambiental Walker e são rodeados por uma floresta e uma cerca que promove a separação entre os “de dentro” e os “de fora”. No limite entre a floresta e o espaço das moradias há uma guarita na qual é feita, cotidianamente, a vigília para a suposta segurança dos moradores. Todas as noites, em sistema de revezamento, dois rapazes devem ficar de vigília nessa guarita e, caso “aquelas de quem não falamos” decidam invadir a vila e atacar seus componentes, eles devem tocar um sino avisando os membros da comunidade para se protegerem. Quando isso ocorre, todos devem trancar suas casas e ir para um abrigo construído embaixo delas e esperar que o sino seja tocado novamente como sinal de autorização para deixar o “bunker”.

- 26 Após esse limite, existe uma “cortina arbórea” que se constitui em um importante elemento de isolamento. Trata-se de uma floresta que apresenta pouca folhagem, com galhos secos, poucas flores e sem a presença de fauna silvestre, demonstrando a presença de uma vida monótona em seu interior e que, ao meu entender, tem uma função de amedrontar os “de dentro”, mantendo-os cativos e imobilizados, ao mesmo tempo que serve para ampliar a linha divisória entre a vila e a cidade.
- 27 É possível afirmar que para garantir a intocabilidade do lugar e evitar qualquer questionamento à ordem social vigente a ideia de natureza como domínio do selvagem, ameaçadora, esteticamente desagradável, como o lugar do rústico, obscuro e feio, e que predominou no século XVI e XVII, conforme Thomas (2010), é mobilizada quando necessário. Tudo que não é regular, ordenado e cultivado em formas regulares é utilizado para impor a ordem humana no “lugar”. Nesse sentido, a mesma ideia que era colocada para as montanhas, áreas silvestres e pântanos nos séculos XVI e XVII é retomada para manutenção do controle no interior da vila. A floresta passa a ser odiada da mesma maneira que as montanhas em meados do século XVI e adjetivos “como estéreis, deformidades, verrugas, furúnculos, monstruosas excrescências, incotáveis tumores e protuberâncias inaturais sobre a face da terra” (Thomas, 1989: 307) são aplicados a esse ambiente que envolve a reserva Walker.
- são espaços privatizados, fechados e monitorados, destinados a residência, lazer, trabalho e consumo. Podem ser shopping centers, conjuntos comerciais e empresariais, ou *condomínios residenciais* [grifo nosso]. Eles atraem aqueles que temem a heterogeneidade social dos bairros urbanos mais antigos e preferem abandoná-los para os pobres, os “marginais”, os sem-teto. Por serem espaços fechados cujo acesso é controlado privadamente, ainda que tenham um uso coletivo e semipúblico, eles transformam profundamente o caráter do espaço público, na verdade, criam um espaço que contradiz diretamente os ideais de heterogeneidade, acessibilidade e igualdade que ajudaram a organizar tanto o espaço público moderno quanto as modernas democracias.
- 28 Esta é uma forma de produção do espaço que marca o urbano atual que, quando necessário, mobiliza diferentes concepções de natureza. É inegável que a película explicita elementos marcantes nessa quadra da história tais como a segregação que é concebida e administrada, nos “enclaves fortificados”, como uma pretensa “fuga da metrópole”, resultando na produção de territórios que revelam os fundamentos desiguais da sociedade e que não foram ainda resolvidos (Caldeira, 2000).
- 29 Se no passado a ideia de cidade moderna foi amplamente disseminada como uma promessa de um mundo novo e com possibilidades de emancipação social, já que representava a liberdade, o anonimato e a individualidade, na atualidade, a intensa segregação que está presente nas metrópoles é o novo modelo e serve como recurso para administrar a separação entre os diferentes, num processo em que a apropriação e a fruição da vida é embotada. E, infelizmente, nesse caso, a concepção de recontato com a natureza é forjada para dar legitimidade aos processos de exclusão e segregação (Seabra, 2004).
- 30 Assim, pode-se afirmar que, nesse momento histórico, as interrelações entre o urbano e o ambiental (a natureza) são, por meio dos “condomínios fechados”, expressões de anulação dos espaços da circulação, da articulação da vida civil e política e expressa um modo de vida sobre o qual atuam empresas organizando o cotidiano e prescrevendo a atividade de morar, do lazer, do consumir etc., não raro com a defesa do bucólico, em que não deve ocorrer barulho e fadiga, “propondo o cultivo do seu próprio jardim,

entre tantos outros apelos. Assim, os novos hábitos de morar [tornaram-se] realidade, [através] do imaginário [propugnando] que a vida fora da cidade oferecia qualidade superior” (Seabra, 2004: 96).

- 31 Trata-se da produção de “cidades-fortalezas”, visando destruir qualquer perspectiva de uma “revolução urbana” (Lefebvre, 1999). Reitera-se as perspectivas de aniquilar a rua e a multidão, por meio dos reordenamentos urbanos, das requalificações urbanísticas e do planejamento estratégico. É necessário controlar os indesejáveis urbanos e os acontecimentos do final do século XX, na cidade de Los Angeles, são emblemáticos para o entendimento desse processo (Davis, 1993). Naquele momento surgiu nos Estados Unidos um movimento denominado NIMBY (*Not in my backyard* – Não no meu quintal) expressando um “corporativismo territorial” que buscava a valorização das propriedades mediante ações contra o congestionamento acachapante das cidades, as construções diversas que somente serviam para adensar o espaço urbano, atraindo imigrantes pobres, a construção de moradias populares próximas às áreas valorizadas, que promoviam a mistura de endinheirados, mexicanos e asiáticos, no oeste americano. Com base em Mike Davis, Caldeira (2000: 333) afirma que

A maior parte da vida pública de L. A. acontece em espaços segregados, especializados e fechados, como shoppings, condomínios fechados, centros de entretenimento e parques temáticos de todos os tipos, em cuja criação Los Angeles foi pioneira. Esses enclaves, geralmente para os mais ricos, existem em relação aos espaços deixados para a população mais pobre – os parques e ruas ocupados pelos homeless, os bairros pobres habitados por vários grupos étnicos no centro, os territórios das guangues e os acampamentos de migrantes.

- 32 Práticas semelhantes se espalharam para diversos lugares do mundo objetivando fortalecer o processo de segregação espacial, pois aliam a prática de produção dos “enclaves fortificados” com a preservação de matas, aquíferos, de mananciais, através da criação de unidades de conservação particulares que só poderão ser acessadas por grupos/pessoas com elevados rendimentos, processando um aprofundamento da fragmentação que caracteriza a metrópole hodierna (Davis, 1993; Caldeira, 2000; Freitas, 2004).
- 33 A vila incita a refletir sobre as características da urbanização contemporânea, na qual as “novas formas” urbanas trazem no bojo o revigoramento da segregação, a distância social, a “exclusão” e a implosão do idealizado como vida pública moderna. Estrutura-se, assim, uma nova experiência urbana na qual os valores modernos de relação social são destruídos. Neste sentido, a abertura e a primazia das ruas, a circulação livre, os encontros impessoais e anônimos, o uso público e espontâneo das ruas, avenidas e praças, a tolerância, a heterogeneidade são substituídos pelo seu contraponto, os “enclaves fortificados”, com a segregação, o controle, a homogeneidade social, o isolamento, a segurança, a prescrição de legislações draconianas sobre o uso e ocupação do solo etc. (Caldeira, 2000; Freitas, 2004). Em suma, é a negação da cidade enquanto espaço aberto, substituída pelos “enclaves fortificados” que permitem “apenas” o contato entre iguais, como destaca Caldeira (2000: 265):

Esse novo conceito de moradia articula cinco elementos básicos: segurança, isolamento, homogeneidade social, equipamentos e serviços. A imagem que confere o maior status (e é mais sedutora) é a da residência enclausurada, fortificada e isolada, um ambiente seguro no qual alguém pode usar vários equipamentos e serviços e viver só com pessoas percebidas como iguais. (...) os enclaves são, portanto, opostos à cidade, representada como um mundo deteriorado no qual não

há apenas poluição e barulho, mas o que é mais importante, confusão e mistura, isto é, heterogeneidade social.

- 34 Processo feito com a consolidação de uma “nova” relação entre parcelas da sociedade e a natureza, que não é mais temida, tida como ameaçadora. Mas, também, sem os atributos que lhe foram conferidos no século XVIII e XIX pela novas sensibilidades estéticas, entre elas a romântica que veiculava uma “visão de natureza como ideal de perfeição [que foi] degenerado pela ação humana que se exerce contra a ordem natural” (Carvalho, 2000: 80). Trata-se de um processo de fetichização da natureza em que:

O urbanismo organiza um setor que parece livre e disponível, aberto à ação racional: o espaço habitado. Ele dirige o consumo do espaço e do habitat. Enquanto superestrutura, ele se distingue, e é preciso distingui-lo fortemente, da prática, das relações sociais, da própria sociedade. Não existem aqueles que confundem o urbanismo com “o urbano”, a saber, a prática urbana e o fenômeno urbano?” (Lefebvre, 1999: 150).

- 35 Ao mesmo tempo em que o filme apresenta uma perspectiva de segurança interna à vila com a colocação da guarita, na qual os próprios moradores vigiam os “de dentro” e os “de fora”, do lado externo há toda uma equipe de segurança motorizada e armada preparada para afastar os indesejáveis do entorno da reserva ambiental. Para aumentar o grau de segurança, toda a reserva é cercada por um muro alto que necessita de escadas para ser transposto. Há uma vigilância constante e, para se evitarem problemas diversos, a rota de aeronaves foi deslocada, e nenhum avião sobrevoa o perímetro de Covington.
- 36 Essa estrutura defensiva da vila revela a presença marcante do que podemos chamar da “*insígnia da segurança*”, que se constituiu num elemento importante da (re)produção do espaço e cujo resultado é a dificuldade de recriação das referências qualitativas da urbanização e a precarização das relações sociais e afetivas, contribuindo para a edificação de um “totalitarismo urbano” (Seabra, 2004).
- 37 Analisando os sentidos e significados da urbanização contemporânea, isso é perceptível na proliferação, em âmbito mundial, dos “enclaves fortificados” que são espaços extremamente homogêneos destinados às camadas de altas rendas que se segregam do restante da sociedade, os “menos favorecidos materialmente”, ao mesmo tempo em que procuram redobrar a vigilância sobre estes evitando o contato entre “estranhos”. Noutros termos, tais práticas destroem as possibilidades de contato entre os diferentes que bem marcaram o processo de redefinição da urbanização nos séculos XIX e XX e significaram a positividade da urbanização. Inequivocamente, expressam-se práticas contemporâneas que primam pela denegação dos direitos individuais arduamente conquistados ao longo dos últimos dois séculos, estruturando uma nova experiência urbana na qual os valores modernos de relação social são destruídos. Nesse sentido, no lugar da abertura e da primazia das ruas, da circulação livre, dos encontros impessoais e anônimos, nos deparamos com a busca pelo controle total, através de uma indústria da segurança de demanda paranoica, preparada para proteger quem pode pagar por ela (Davis, 1993; Caldeira, 2000).
- 38 Assim, está em construção uma sociedade na qual tudo (e todos) deve(m) ser vigiado(s) e controlado(s) em um processo alimentado por meios cada vez mais sofisticados de controle das pessoas, como a biometria (Caldeira, 2000; Freitas, 2004). Um “totalitarismo urbano” que dá base à (re)produção da metrópole industrial e que prima pela higienização do espaço, pelo controle dos “indesejáveis”, cujo discurso/prática é a

necessária “renovação urbana”. Um “totalitarismo urbano” que é reforçado pela privatização dos espaços públicos, controle extremos dos indesejáveis, pela falta de poder deliberativo dos consumidores dos espaços sobre as formas de produção/gestão desses lugares, pela extrema defesa, por parte dos “menos favorecidos materialmente”, que são controlados e vigiados, mas, que apoiam, não raro, acriticamente, essa urbanização como a saída para a “problemática urbana/ambiental”. Como afirmou Mike Davis (1993): “nós estamos no limiar da vigilância eletrônica universal da propriedade e dos povos – tanto criminosos quanto não criminosos (criancinhas, por exemplo) – monitorados por equipamentos de vigilância, tanto celulares quanto centralizados” (Davis, 1993: 227).

- 39 No filme, os bons cidadãos são resguardados por uma guarita na fronteira da vila com a floresta, no uso de pedras mágicas para se entrar na floresta sem sofrer o ataque das criaturas ou do uso de um manto amarelo de “invisibilidade” que protegerá todos os moradores da vila dos possíveis ataques das criaturas indesejáveis. Na urbanização atual, a indústria da segurança investe na leitura da íris, nos altos muros, com cercas eletrificadas, nas câmeras dispostas nas ruas, na montagem de um exército de motoboys, devidamente uniformizados, que circulam pelas ruas dos bairros durante a noite para vigiar e afastar os indesejáveis. Para Teresa Caldeira há uma articulação entre apelo ecológico, distanciamento dos centros urbanos, perspectivas de melhoria da qualidade de vida etc. para construir o novo conceito de moradia. Mas,

Apenas com “segurança total” o novo conceito de moradia está completo. Segurança significa cercas e muros, guardas privados 24 horas por dia e uma série de instalações e tecnologias – guaritas com banheiro e telefone, portas duplas na garagem, monitoramento por circuito fechado de vídeo etc. Segurança e controle são as condições para manter os outros de fora, para assegurar não só exclusão mas também “felicidade”, “harmonia” e até mesmo “liberdade”. Relacionar a segurança exclusivamente ao crime é ignorar todos seus outros significados. Os novos sistemas de segurança não só oferecem proteção contra o crime, mas também criam espaços segregados nos quais a exclusão é cuidadosa e rigorosamente praticada. (Caldeira, 2000: 267)

- 40 Cotidianamente, a busca pelo controle total é verificada nas principais cidades brasileiras (e em vários lugares do mundo). Em pontos de parada de ônibus, em praças nas áreas centrais, embaixo de marquises de lojas e prédios são colocados equipamentos para afastar a presença dos “pobres urbanos”. São bancos em forma de barril ou com barra de aço, para evitar que os indivíduos se sentem. São *splinkers* colocados para jorrar água e molhar que se atreve a descansar, durante a noite, embaixo de uma marquise ou dormir dentro de um parque público. Além disso, há a produção de um sistema de vigilância através de câmeras espalhadas pelas ruas e ligadas diretamente aos postos centrais de polícia (Davis, 1993). Tudo isso ancorado na produção de um medo social que é tornado natural e positivo, resultando na mobilização por segurança que, em muitos casos, é superior ao que a realidade da criminalidade demanda e contando com a participação da mídia que encobre o que é de fato a violência urbana e contribui para a elevação dos lucros desse mercado (Davis, 1993).
- 41 Assim, a película expressa elementos predominantes do cotidiano atual, no qual são forjadas propostas de um “comunitarismo” que apela para a defesa de preservação da natureza, que, concomitantemente, trará a melhoria para a sociedade e, principalmente, para aqueles que consomem os espaços exclusivos, ao mesmo tempo em que reitera o medo social, colocando a cidade como violenta, perigosa e poluída e

que deve ser relegada aos indesejáveis, e propõe a segregação espacial, com forte apelo ecológico, como a busca para uma vida melhor (Davis, 1993; Caldeira, 2000). Nesses termos, é correto afirmar que *A Vila* (o cinema), por um lado, transmite representações sobre a natureza e o urbano hodierno e, por outro lado, por ser também história, pode contribuir para reforçar práticas cotidianas, a partir dessa projeção, que nada ajudarão na superação dos problemas urbanos/ambientais. Daí a necessidade de uma interpretação crítica sobre a película.

Considerações Finais

- 42 Ao longo da história foram erigidas diversas concepções de natureza, contando com a participação do conhecimento científico, que se materializaram no espaço e no tempo, por meio, por exemplo, de discursos e representações, signos do turismo, da ecologia, das imagens canônicas em livros didáticos, mapas, cartas, etc., que chegam ao nível da vida cotidiana.
- 43 Com o início do período moderno (séculos XVI e XVII), conforme Thomas (2010), a natureza passou a ser considerada ameaçadora, o domínio do selvagem que deveria ser domado. O belo e o moralmente aceito passa a ser tudo que é domesticado e produtivo (Carvalho, 2003; Thomas, 2010; Euclides, 2016). Entretanto, no século XVIII, com o desenvolvimento e expansão da cidade industrial, a representação de natureza sofreu mudanças, pois “a insatisfação com a cidade deteriorada pela indústria passou a ensejar uma espécie de romantização reativa do cenário rural por parte da burguesia não envolvida diretamente no processo agrícola” (Euclides, 2016: 59). Nesse contexto, passou a ocorrer uma representação de natureza como reserva do bom e do belo (“natureza restauradora”). Houve uma valorização do rústico, um estímulo às excursões “à natureza” para o lazer e realização de estudos diversos em várias regiões do globo. Ou seja, houve a edificação de “novas sensibilidades”, que promoveram releituras sobre a natureza e que se desdobrou na reconstrução da representação dos habitantes das florestas, que passaram a ser enaltecidos por serem simples e inocentes (Thomas, 2010; Euclides, 2016).
- 44 No transcurso do século XIX e, posteriormente, no século XX, ganhou força na sociedade a criação de diversas áreas verdes (parques, jardins etc.) ora para acesso/descanso/contemplação dos cidadãos, ora como expressão do republicanismo, da democracia, dos ideais cívicos e morais, da higiene, da estética, do utilitarismo etc. (Carvalho, 2003; Velloso, 2007; Euclides, 2016). Ao longo do século XX outras mudanças ocorreram no que tange os discursos e representações sobre a natureza. Porém, a partir da década de 1960 houve um importante “ponto de inflexão”, pois tornou-se visível semântica, discursiva e politicamente uma “intensa crise ecológica”, ecoada por meio da poluição e degradação da “natureza natural” do planeta. Uma mudança discursiva (e de representação) afeita à “natureza” e aos recursos naturais aflorou no âmbito dos processos políticos e acadêmicos, apresentando-a gradativamente como insuficiente e frágil. O discurso da infinitude, aos poucos, cedeu lugar ao discurso da limitação e da escassez nos fóruns de debate que procuraram nortear e institucionalizar a discussão quanto aos limites da natureza e as ações decorrentes a partir daí (Bihl, 1999; Carvalho, 2003; Freitas, 2013; Gaudio, Freitas e Pereira, 2015). Diante desse quadro nada alentador, vários movimentos passaram a denunciar as ações de degradação ambiental e a requerer que uma nova relação entre sociedade e natureza fosse construída, em

- moldes diferentes aos que prevaleceram no chamado “paradigma urbano-industrial”. Esses mesmos movimentos, criticaram a democracia representativa e defenderam (e defendem) a renovação da política, em escala mundial (Gonçalves, 1989; Bihr, 1999).
- 45 Porém, na esteira desse “ponto de inflexão”, houve, por parte das classes dominantes, a reapropriação discursiva (e de representação) da “crise ecológica” (e, conseqüentemente, da natureza), que se materializou no que denominamos de *Ideologia do Desenvolvimento Sustentável*. Tal ideologia mobiliza formas e mecanismos de interpelação objetivando reiterar os discursos dominantes no que tange a relação sociedade e natureza e, ao mesmo tempo, obscurecer os processos históricos que (re)produzem essa relação e as desiguais relações de poder que dão sustentação à sociedade (Freitas & Del Gaudio, 2015).
- 46 Em outros termos, ao longo dos últimos 40/50 anos, discursos e representações de natureza (e do urbano) foram edificados e disseminados e, sem rebuscos, têm definido limites, contradições e, por que não, possibilidades de emersão de outra sociedade, mais justa e igualitária. Tudo isso, com a contribuição dos diversos discursos que permeiam a sociedade, entre eles, o discurso do cinema, que tanto pode contribuir para uma melhor compreensão dessas concepções/representações de natureza (e do urbano) quanto reafirmar as mistificações.
- 47 Assim, ao assistirmos o filme *A Vila* nos deparamos com vários elementos que estão presentes no atual estágio de urbanização da sociedade. Entretanto, o filme é também expressão dos limites dessa urbanização segregacionista, ancorada em “novas” representações da natureza, a partir da crise ecológica.
- 48 O contato entre a jovem Ivy e o policial responsável pelo controle dos indesejáveis revela que há uma interdependência entre os “de dentro” e os “de fora”. É com a ajuda do policial que a jovem consegue retornar à “comunidade” levando medicamentos que poderão salvar a vida de seu namorado. Ou seja, essa relação revela que existem bons cidadãos do lado de fora dos muros, dispostos a construir uma sociedade melhor para todos. Não obstante, algumas cenas do filme revelam que a violência não está somente do lado de fora dos muros da reserva ambiental. A escolha pela morte de uma criança de sete anos ao invés da busca de novas relações com os cidadãos que possibilitariam salvar a vida da criança, a tentativa de homicídio praticada contra o jovem Lucius, a infantilização e o embotamento das possibilidades de algo novo para as gerações mais novas através de uma prática educacional que é um simples instrumento da reprodução social daquele núcleo urbano revelam que a violência urbana se apresenta na forma da criminalidade, mas, também, do enfraquecimento das práticas políticas que servem para a emancipação social. Assim, a apartação, ao invés de ser solução para os problemas urbanos, explicita que quanto mais elevado esse processo, maior a incapacidade de construção de uma sociedade mais justa. Na realidade urbana contemporânea há toda a produção de um discurso da apartação, da separação, do não contato entre os diferentes que são transformados em desiguais. Mas aqueles que se autosegregam em “enclaves fortificados” necessitam estabelecer relações com os “pobres urbanos”, pois são esses pobres que prestam serviços como jardineiros, cozinheiras, arrumadeiras, passadeiras, babás que cuidam dos filhos dos moradores dos “enclaves fortificados”. Há, assim, a construção de uma interdependência entre as diferentes classes sociais que a nova forma urbana deseja apagar (Caldeira, 2000; Freitas, 2001, 2004).

49 Além disso, diversos atos de violência são praticados no interior dos condomínios fechados, pois os indivíduos sentem-se à vontade para descumprir regras gerais e específicas desses enclaves, já que a polícia é mantida a “longa distância”. Assim, ocorrem atos de desrespeito às regras de trânsito em número muito mais elevado do que nos chamados espaços públicos, na maioria dos casos, cometidos por adolescentes sem autorização para dirigir que ferem (e até matam) outros adolescentes e crianças. Em vários “enclaves fortificados” é comum o uso de drogas ilícitas, pois há a garantia de que a ação policial contra essa violência não será realizada, e os guardas das empresas privadas, que fazem a segurança desses espaços, são desrespeitados pela maioria dos moradores que se recusam a obedecer a tais empregados. Assaltos e roubos também são comuns e são associados com casos de violência sexual como o ocorrido, em 1991, num grande “enclave fortificado” da região metropolitana de São Paulo, quando uma jovem foi sequestrada, violentada e assassinada. Para Teresa Caldeira (2000: 279):

Dentro dos condomínios, o desrespeito à lei é quase uma regra. As pessoas sentem-se mais livres para desobedecer a lei porque estão em espaços privados dos quais a polícia é mantida distante e por que encaram as ruas dos complexos como extensões de seus quintais. (...) O caso do Alphaville, sobre o qual obtive estatísticas, exemplifica isso de forma clara. Entre março de 1989 e janeiro de 1991, a polícia registrou 646 acidentes de automóvel, 925 feridos e 6 mortos em Alphaville. Oitenta por cento aconteceram dentro das áreas residenciais, ou seja, dentro dos muros e nas ruas particulares às quais só os moradores e seus visitantes têm acesso.

50 Tudo isso com a “convivência” de muitos moradores que evitam tornar públicas essas práticas de violência, pois temem a desvalorização de suas propriedades. Ou seja, “como os sicilianos em *A honra do poderoso Prizzi*, amam seus filhos, mas amam mais o valor de suas propriedades” (Davis, 1993: 37).

51 Esse processo revela para todos nós que a saída para os problemas urbanos não é contra a cidade, e sim através da construção de uma outra sociedade por dentro da sociedade já existente. Nesse sentido, as perspectivas de Lucius são mais interessantes e promissoras, pois apesar do medo da cidade introjetado e internalizado pelas práticas existentes na vila, ele tenta romper a ordem estabelecida e vê no contato com o outro uma possibilidade de estabelecimento de novas relações que podem ajudar os moradores da vila a resolver seus problemas do cotidiano, diferentemente do enfretamento de Ivy, que expressou uma saída individual, motivada pela relação pessoal, e que serviu de instrumento de ratificação da reprodução social da vila, nos marcos já estabelecidos anteriormente (Caldeira, 2000; Seabra, 2004).

52 Ao analisar a referida película procurei cotejar as abordagens que são dadas à “questão urbana” e à “questão ambiental” pelo cinema e que, certamente, contribui para a formação de opinião sobre tais questões. Ou seja, a presente análise foi realizada objetivando lançar um olhar crítico sobre as relações entre sociedade e natureza, em uma perspectiva histórica, procurando potencializar o aprendizado sobre a urbanização hodierna. Ao mesmo tempo, pretende-se ampliar a reflexão sobre os processos educativos a partir do projeto desenvolvido (e em desenvolvimento). A escolha de *The Village* foi cuidadosamente pensada, já que intencionei refletir sobre a chamada “crise ecológica” (Bihr, 1991) em um sentido mais amplo, para além da dimensão biologizante que predomina e em uma perspectiva que considere a mesma como uma crise do modelo de sociedade vigente, onde a natureza natural do mundo e os seres humanos são cada vez subordinados à lógica do mundo das mercadorias e extensamente

dilapidados (Lefebvre, 2008). Tudo isso em um contexto que o filósofo francês acertadamente, afirma:

o que aconteceu desde o tempo em que Marx escreveu sua crítica fundamental da economia política? O que acontece hoje em dia? Entre outros aspectos, isto: os bens que outrora eram raros tornaram-se abundantes, os que eram abundantes tornaram-se raros. (...). Nos nossos países, a água rapidamente se transforma num produto industrial (águas minerais, águas de mesa), pois as águas fornecidas pelos meios habituais deixaram de ser propícias ao consumo. Vê-se chegar o momento em que o ar será filtrado acima das aglomerações, ao redor das cidades. Cada vez mais será preciso produzir esses bens. *Esse vasto fenômeno, as novas raridades, é ainda ignorado. Os “elementos” perdem sua natureza. Os “elementos”, com seus envoltórios espaciais, ganham, portanto, valor (de troca e de uso). Eles entram nos circuitos das trocas: produção-repartição-distribuição* (Lefebvre, 1972 [2008]: 121, grifo nosso).

BIBLIOGRAFIA

- Bakhtin, Mikahil (1992). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Editora Hucitec.
- Bihl, Alain (1991). *Da grande noite à alternativa: o movimento operário europeu em crise*. São Paulo, Boitempo editorial.
- Caldeira, Teresa P. do R. (2000). *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo, Editora 34/Edusp.
- Carneiro, Éder J (2005). “Política ambiental e a ideologia do desenvolvimento sustentável”. In: Zhouri, Andréa et al. (orgs.). *A insustentável leveza da política ambiental: desenvolvimento e conflitos socioambientais*. Belo Horizonte, Editora Autêntica, pp. 27-48.
- Carvalho, Isabel C. M. (2008). “Os sentidos do ambiental: a contribuição da hermenêutica à pedagogia da complexidade”. In: Enrique Leff. (Org.). *A complexidade ambiental*. São Paulo, Cortez; Blumenau, EDIFURB, pp. 99-120.
- Choay, Françoise (1979). *O urbanismo: utopias e realidades – uma antologia*. São Paulo, Ed. Perspectiva.
- Costa, Heloísa S. M. (2003). “Natureza, mercado e cultura: caminhos da expansão metropolitana de Belo Horizonte”. In: Mendonça, J. G.; Godinho, M. H. L. *População, espaço e gestão na metrópole: novas configurações, velhas desigualdades*. Belo horizonte, PUC-Minas, pp. 159-179.
- Davis, Mike (1993). *Cidade de quartzo – escavando o futuro em Los Angeles*. São Paulo, Scritta Editorial.
- Euclides, Ana C. P. (2016). *A hipótese otimista: dialética e utopia das áreas verdes, das áreas protegidas e da trama verde e azul*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFMG. Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais (EAU/UFMG), Belo Horizonte. 2016.
- Ferreira, Adriana A. & Freitas, Eliano de S. M. (2012). *Meio Ambiente em cena*. Belo Horizonte, Editora RHJ.

- Freitas, Eliano de S. M. (2004). *A reprodução social da metrópole em Belo Horizonte: APA Sul RMBH, mapeando Novas Raridades*. Belo Horizonte, dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais.
- Freitas, Eliano de S. M.; Gaudio, Rogata S. D. (2015a). “Desenvolvimento Sustentável e Ideologia: equívocos de abordagem da água na educação ambiental”. In: VIII Encontro de Pesquisadores em Educação Ambiental (VIII EPEA). Rio de Janeiro. Disponível em: <http://epea.tmp.br/epea2015_anais/pdfs/plenary/196.pdf>. Acesso em: 12 novembro de 2015.
- Freitas, Eliano de S. M.; Gaudio, Rogata S. D. (2015b). “Crise ecológica, escassez hídrica e ideologias: uma análise crítica da carta de 2070”. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, n. 27 (3).
- Gaudio, Rogata S. D.; Freitas, Eliano de S. M.; Pereira, Doralice B. (2015). “Desenvolvimento sustentável e ideologia: interpelações”. São Paulo, *Revista Lutas Sociais*, vol.19 n.35, pp.98-111.
- Lefebvre, Henri (1999). *A revolução urbana*. Belo Horizonte, Editora UFMG.
- Lefebvre, Henri (2003). *Espaço e política*. Belo Horizonte, Editora UFMG.
- Neves, Alexandre A. & Ferraz, Cláudio B. O. (2007). “Cinema e geografia: em busca de aproximações”. *Espaço Plural*, nº 16. 1º Semestre 2007, pp. 75-78.
- Santos, Carlos N. dos (1981). “Condomínios exclusivos – o que diria a respeito um arqueólogo?”. *Revista de Administração Municipal*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 160, pp. 6-29, jul./set.
- Seabra, Odete C. de L. (2004). “Territórios do uso: cotidiano e modo de vida”. *Cidades*, São Paulo, v. 1, n. 2, pp. 181-206.
- Therborn, Goran (1991). *La ideologia del poder y el poder de la ideologia*. México, Siglo Veintiuno.
- Thomas, Keith (1988). *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação as plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Velloso, Rita de C. L. (2007). *Distração e choque: a experiência da arquitetura na vida cotidiana*. Belo Horizonte, Tese (Doutorado em Filosofia), Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais.

NOTAS

1. Sob a coordenação/organização do autor e da pesquisadora Adriana Angélica Ferreira foi formado um grupo de geógrafos, com a participação de um sociólogo e de uma bióloga, que se debruçaram sobre uma gama de produções cinematográficas, previamente escolhidas (animações, documentários, filmes de longa-metragem), para analisar criticamente como o cinema tem produzido uma imagem do real, a partir de temáticas ligadas ao urbano e ao ambiental. Ressalta-se que o projeto ainda está em desenvolvimento, com a perspectiva de apresentação de reflexões sobre as referidas temáticas, em uma segunda fase. Além da película *A Vila*, foram analisados longas-metragens tais como *Wal-E*, *Avatar*, documentários como *Cruzando o deserto verde* e *Uma verdade Inconveniente* e animações como *A história das Coisas*, *Os sem florestas* e *A sina do Rio*.

RESUMOS

Com base na análise do filme *A Vila*, o artigo apresenta algumas concepções sobre a vida urbana contemporânea. Ele destaca aspectos como a relação entre cidade e crise ecológica (natureza), a segregação espacial e as diferentes formas de violência presentes nas distintas realidades sociais. Assim, há uma reflexão sobre as possíveis relações entre a (re)produção capitalista do espaço e a vida cotidiana a partir da década de 1970 e da edificação de "novas" representações sobre a natureza. As análises aqui expostas fazem parte de resultado de projeto em desenvolvimento desde 2010, no qual alguns pesquisadores refletem sobre as abordagens do cinema acerca da "questão urbana" e da "questão ambiental" (natureza) no final do século XX e alvorecer do século XXI.

Based on film *A Vila* analysis, the article presents some conceptions about contemporary urban life. It highlights aspects such as the relationship between the city and the ecological crisis (nature), spatial segregation and the different forms of violence present in different social realities. So, there is a reflection on the possible relation between the space capitalist (re)production and daily life from the 1970s and from the construction of "new" representations about nature. The analysis presented here is part of a project that has been under development since 2010, in which researchers reflect on the cinema approaches about "urban issues" and "environmental issues" (nature) In the late twentieth century and the dawn of the twenty-first century.

Basado en el análisis de la película *A Vila*, el artículo presenta algunas concepciones sobre la vida urbana contemporánea. Destaca aspectos tales como la relación entre la ciudad y la crisis ecológica (naturaleza), la segregación espacial y las diferentes formas de violencia presentes en las diferentes realidades sociales. Así, se reflexiona sobre la posible relación entre la (re) producción capitalista espacial y la vida cotidiana de los años setenta y de la construcción de "nuevas" representaciones sobre la naturaleza. El análisis presentado aquí es parte de un proyecto que se está desarrollando desde 2010, en el que los investigadores reflexionan sobre los enfoques cinematográficos sobre "cuestiones urbanas" y "cuestiones ambientales" (naturaleza) a finales del siglo XX y los albores de siglo XXI.

Sur la base de l'analyse du film *A Vila*, l'article présente quelques idées sur la vie urbaine contemporaine. Il met en lumière des aspects tels que la relation entre la ville et la crise écologique (nature), la ségrégation spatiale et les différentes formes de violence présentes dans les différentes réalités sociales. Ainsi, nous réfléchissons sur la relation possible entre la (re) production capitaliste de l'espace et la vie quotidienne des années soixante-dix et la construction de «nouvelles» des représentations sur la nature. L'analyse présentée ici fait partie d'un projet qui est en cours d'élaboration depuis 2010, dans lequel les chercheurs réfléchissent sur les approches cartographiques sur les «questions urbaines» et «questions environnementales» (nature) à la fin du XXe siècle et l'aube du XXIe siècle.

ÍNDICE

Palavras-chave: cinema, urbanização, natureza, segregação espacial, segurança

Mots-clés: cinéma, urbanisation, nature, ségrégation spatiale, sécurité

Keywords: Cinema, urbanization, nature, spatial segregation, security

Índice cronológico: 1970-2017

Palabras claves: cine, urbanización, naturaleza, segregación espacial, seguridad

AUTOR

ELIANO DE SOUZA MARTINS FREITAS

Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor de Geografia do Colégio Técnico da UFMG, do Programa de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG e professor-colaborador do IGC/UFMG e UFOP/CEAD.